



Facultad de
Humanidades y
Ciencias
de la Educación

Instituto de
Educación



CONVOCATORIA REVISTA FERMENTARIO N° 8 (V.2)
<http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario>

ESPIRITUALIDAD, FILOSOFIA Y EDUCACIÓN

Entre los temas varios y las problematizaciones que las investigaciones de Michel Foucault suscitaron entorno a la cultura del cuidado de sí, la cuestión de la espiritualidad se destaca. En el curso dictado en el *Collège de France*, en 1982, denominado *La hermenéutica del Sujeto*, la espiritualidad es concebida como la transformación del modo de ser del sujeto por él mismo. Repasando una cultura filosófica milenaria, de los siglos Va.c., hasta los siglos IV-V d.c., el sustrato que moviliza la espiritualidad eran los modos por los cuales por medio de una *tékhnetoûbiou*—un arte de vivir— un sujeto podría tener acceso a la verdad, al mismo tiempo que se constituye y se transforma con la práctica de la verdad.

En este contexto, la verdad jamás era dada de pleno derecho al sujeto. Tampoco estaba asegurada por un acto de conocimiento. El acceso del sujeto a la verdad estaba ligado a su capacidad de modificarse y de transformarse. Así, en primer lugar, el sujeto se constituía en la medida en que pagaba un precio transformador para alcanzar un modo de ser. Para esto, en segundo lugar, eran convocadas formas diferentes de ejercicios y de prácticas de actividades o de técnicas para garantizar la transformación del sujeto. Finalmente, la constitución emergía de su condición subjetiva en tanto consecuencia de su relación con la verdad y con las prácticas que transitaban sobre él, que lo atravesaban, transfigurándolo. En efecto, “para la espiritualidad, un acto de conocimiento, en sí mismo y por sí mismo, jamás conseguiría acceder a la verdad si no fuese preparado, acompañado, duplicado, consumado por cierta transformación del sujeto, no del individuo, sino del propio sujeto en su ser sujeto”, argumentó Foucault en la clase del 6 de enero de 1982.

Para nosotros, modernos, lo que da acceso a la verdad, sin embargo, pasó a ser el conocimiento y solamente él. Desde entonces, el sujeto es capaz, en sí mismo, y únicamente por sus actos de conocimiento, de reconocer la verdad y a ella tener acceso. En la modernidad, aprendemos a tener dominio sobre las cosas y sobre los otros, pero no más sobre nosotros mismos. Estamos lejos de una transformación de nosotros mismos y nos distanciamos, cada vez más, del precio que tenemos que pagar para implicarnos en cualquier transformación.

El objetivo de estos apuntes es pensar y reflexionar acerca del contexto de la espiritualidad tal como Foucault la concibió, trayendo el debate para el campo de la filosofía y la educación. ¿Cómo podría auxiliarnos el tema de la espiritualidad para desarticular el pensamiento y las experiencias de constitución de subjetividades, para ir más allá del centralismo y la captación del acto del conocimiento moderno? ¿En qué medida las dimensiones conceptuales y de experiencia de la espiritualidad nos pueden ayudar a pensar relaciones de transformación de nuestra constitución subjetiva? ¿Es la espiritualidad un ejemplo respecto de la imposible superación entre teoría y práctica, en lo que concierne a las verdades que están implicadas en las experiencias educativas? ¿Es posible hacer de las experiencias con el pensamiento y la educación una experiencia espiritual? ¿Cuáles serían las implicaciones de la espiritualidad para nuestra relación con la verdad, con nuestra constitución, con lo que hacemos, pensamos y somos?

ESPIRITUALIDADE, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

Dentre os vários temas e as problematizações que as pesquisas de Michel Foucault suscitaram ao redor da cultura do cuidado de si, a questão da espiritualidade se destaca. No curso ministrado no *Collège de France*, em 1982, denominado de *A hermenêutica do sujeito*, a espiritualidade é concebida como a transformação do modo de ser do sujeito por ele mesmo. Perpassando uma cultura filosófica milenar, dos séculos V a.C até os séculos IV-V d.C, o fundo que mobilizava a espiritualidade eram os modos pelos quais, por intermédio de uma *tékhnetoûbíou* – uma arte de viver – um sujeito poderia ter acesso à verdade, ao mesmo tempo que se constituía e se transformava com a prática da verdade.

Em tal conjuntura, a verdade jamais era dada de pleno direito ao sujeito. Tampouco era garantida por um ato de conhecimento. O acesso do sujeito à verdade estava atrelado à sua capacidade de modificar-se e de transformar-se. Assim, em primeiro lugar, o sujeito se constituía na medida em que pagava um preço transformador para atingir um modo de ser. Para tanto, em segundo lugar, eram convocados formas diferentes de exercícios e de práticas de atividades ou de técnicas para garantir a transformação do sujeito. Finalmente, a constituição do sujeito emergia da sua condição subjetiva enquanto consequência de sua relação com a verdade e com as práticas que transitavam sobre ele, que o atravessavam, transfigurando-o. Com efeito, “para a espiritualidade, um ato de conhecimento, em si mesmo e por si mesmo, jamais conseguiria dar acesso à verdade se

não fosse preparado, acompanhado, duplicado, consumado por certa transformação do sujeito, não do indivíduo, mas do próprio sujeito no seu ser de sujeito”, argumentou Foucault na aula de *6 de janeiro de 1982*.

Para nós, modernos, a o que dá acesso à verdade, contudo, passou a ser o conhecimento e tão somente o conhecimento. Desde então, o sujeito é capaz, em si mesmo, e unicamente por seus atos de conhecimento, de reconhecer a verdade e a ela ter acesso. Na modernidade, aprendemos a ter domínio sobre as coisas e sobre os outros, mas não mais sobre nós mesmos. Estamos longe de uma transformação de nós mesmos e nos distanciamos, cada vez mais, do preço que temos de pagar para nos implicarmos em qualquer transformação.

O objetivo deste dossiê é pensar e refletir acerca do contexto da espiritualidade tal como Foucault concebeu, trazendo o debate para o campo da filosofia e da educação. Como seria possível o tema da espiritualidade nos auxiliar a deslocar o pensamento e as experiências de constituição de subjetividades para além do centralismo e da captura do ato de conhecimento modernos? Em que medida as dimensões conceituais e de experiência da espiritualidade podem nos auxiliar a pensar relações de transformação de nossa constituição subjetiva? Seria a espiritualidade um exemplo acerca da impossível separação entre teoria e prática, no que concerne as verdades que estão implicadas nas experiências educativas? É possível fazer das experiências com o pensamento e com a educação uma experiência espiritual? Quais seriam as implicações da espiritualidade para a nossa relação com a verdade, com a nossa constituição, com o que fazemos, pensamos e somos?

DIREÇÃO DE ENVIO E PRAZOS DA COVOCATÓRIA (UNICAMP-BRASIL)

Os trabalhos devem ser enviados para o email: revistafermentario@gmail.com

Prazo limite de apresentação: 12 de setembro, 2014.

Prazo de devolução do comitê avaliador: 10 de outubro, 2014.

Prazo de apresentação dos trabalhos com as devidas correções: 31 de outubro, 2014.

Prazo final de aceitação dos trabalhos: 14 de novembro 2014.

Publicação: 28 de novembro, 2014 às 23h00min.

Idioma da revista: espanhol e português.